

O VÉU

O VÉU

um *thriller* de

LUIS EDUARDO MATTA



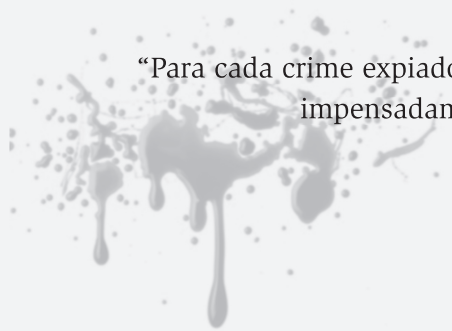
PRIMAVERA
EDITORIAL

*À memória de meu tio José Kanan
Matta, leiloeiro e grande entusiasta deste
livro antes mesmo de ele começar a ser
escrito, e que não teve a chance de vê-lo
concluído.*

*Também a Neyde Bridi Nouh-Chaia,
a Soraia Cals e ao ilustre dr. Adnan
Mazarei, veterano professor iraniano
que conheci em Genebra, com quem tive
conversas enriquecedoras a respeito do Irã
contemporâneo, nos cafés e nas alamedas de
Plainpalais.*

“O Ontem já preparou este Hoje de loucura.
O Amanhã Desespero ou Calma ou Triunfo esconde?
Bebe! Não sabes de onde vens e porventura
Saberás por que vais e saberás para onde?”

— Omar Khayyam
Rubaiyat



“Para cada crime expiado na cadeia, dez mil são cometidos
impensadamente por aqueles que condenam.”

– Henry Miller
Pesadelo Refrigerado

PRÓLOGO

Jeddah, Arábia Saudita
Julho de 2005

O apartamento, luxuoso, ficava no décimo terceiro andar de um moderno arranha-céu na Corniche, a extensa avenida litorânea de Jeddah. Das janelas, fechadas naquele fim de tarde por causa do calor de 45°C do verão saudita, descortinava-se a imensidão do mar Vermelho que, naquele horário, fazia jus ao nome, pois o sol poente, em sua lenta aterrissagem, tingia as águas de tons avermelhados, conferindo à paisagem calorenta um aspecto romântico e, ao mesmo tempo, melancólico.

Para Amir Shariati, aquele apartamento pareceu ser o esconderijo perfeito, desde que se vira forçado a fugir às pressas de Londres oito meses atrás, após a frustrada tentativa da polícia britânica de capturá-lo e, com toda a certeza, assassiná-lo. Fora por pouco. O Ocidente já não era um lugar seguro para alguém como ele viver ou, nem ao menos, circular, ainda que por breves períodos. A Arábia Saudita e sua metrópole mais cosmopolita pareceram-lhe, então, o porto seguro; o local de onde, de forma insuspeita, poderia comandar seus negócios e a organização que dirigia.

Seu filho único, Arsalan, que estudava em Londres, viera com ele para Jeddah e ainda não havia se habituado à vida na

nova cidade. Arsalan parecia estranhar tudo e, habituado ao frio e à neblina da Inglaterra, não conseguia aclimatar-se ao calor impiedoso da Península Arábica. Nos meses mais quentes, Arsalan refugiava-se em seu quarto, com o ar-refrigerado ligado na potência máxima e passava horas navegando na internet, assistindo a filmes ou lendo. Não tinha amigos locais; suas amizades ficaram todas na Europa. Amir Shariati preocupava-se com o filho e receava que ele estivesse mergulhando em uma depressão. Mas, por outro lado, não deixava de sentir certo alívio pelo fato de Arsalan não estar exposto nas ruas. Mesmo em Jeddah a segurança não era total. Mesmo Jeddah oferecia riscos. A guerra contra o terrorismo deflagrada após os atentados aos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001 aproximou ainda mais os americanos dos sauditas. Amir Shariati sabia que havia agentes americanos circulando por Jeddah. Por isso, ele próprio também pouco saía.

Naquele domingo, dia 10 de julho, Shariati pensava que faltava pouco, muito pouco, para os agentes britânicos e americanos que estavam à sua cata perderem de vez qualquer pista sobre seu real paradeiro. Ele estava recostado na poltrona alta da sala refrigerada e contemplava em silêncio o mar reluzente, enquanto sorvia goles de um caríssimo uísque 21 anos — apesar de oficialmente proibido na Arábia Saudita, o álcool era amplamente consumido nas residências abastadas. Desde maio, homens de sua confiança estavam incumbidos de espalhar discretamente a notícia de que ele buscara refúgio no Iraque e que, provavelmente, havia morrido em um dos quase diários ataques terroristas na Bagdá ocupada por forças anglo-americanas. E, agora, com as atenções desviadas para os violentos atentados ao sistema de transporte público de Londres na manhã do dia 7 — três dias atrás —, onde quatro homens-bomba detonaram mochilas com explosivos, matando mais de cinquenta pessoas e ferindo outras centenas, era ainda mais provável que Shariati fosse temporariamente esquecido.

Afinal, dessa vez, ele não estava envolvido nos ataques e não tardaria para algum outro grupo, provavelmente a Al-Qaeda, assumir sua autoria.

Assim que tivesse certeza de que o governo americano o considerava morto, Shariati relaxaria um pouco a guarda e, passados alguns meses, deixaria Jeddah rumo a alguma cidade no Irã, seu país natal, onde retomaria as atividades de sua organização — a Azadi —, que estava temporariamente adormecida desde que sofrera a tentativa de captura em Londres. Seu filho Arsalan seria o responsável por reunir novamente o grupo. Afinal, ele estava de posse dos documentos vitais da Azadi, os documentos que dariam a qualquer um o controle da organização. Shariati queria ver o filho no comando. Aos 66 anos, ele sentia-se cansado e debilitado pela grave enfermidade que consumia seu fígado aos poucos. Seu humor e sua disposição estavam dilacerados pelo consumo diário de uísque. Ele sabia que não duraria muito. Era hora de nomear um sucessor para levar adiante sua luta contra a arbitrariedade, a tirania e a devassidão dos ímpios cruzados e sionistas do Ocidente. Azadi, em persa, significava liberdade, e ele, Amir Shariati, era Abu al-Horiah, que, em árabe, quer dizer “o Pai da Liberdade”. Esse era seu nome de guerra na organização, o nome pelo qual era mundialmente conhecido — e temido.

Amir Shariati estendeu o braço até o balde de gelo e colocou mais três pedras no copo, adicionando uma nova e generosa dose de Johnny Walker Blue Label. Não sabia que horas eram. Havia perdido a noção do tempo. Arsalan continuava trancado em seu quarto, provavelmente colado ao computador. Tomou um gole e sentiu o álcool queimar-lhe gostosamente a garganta. Ouviu, ao fundo, um rangido seguido do barulho de porta sendo fechada devagar.

— Arsalan? — Shariati chamou pelo filho. Sua voz estava pastosa, mas ele não se deu conta disso.

Como não houve resposta, Shariati insistiu, falando em persa:

— Arsalan *jan*? Saia um pouco desse quarto e venha se sentar aqui para ver o pôr do sol comigo! Venha ver que coisa linda...

Silêncio.

— Arsalan? — insistiu Abu al-Horiah.

Ele sentiu passos atrás de si. Inclinou-se para ver o filho e, ao virar a cabeça, dois tiros certos e silenciosos alvejaram-lhe a testa e o pescoço. O único barulho que se ouviu foi o do copo com uísque estilhaçando-se sobre o piso de mármore, enquanto Shariati desfalecia com a boca entreaberta e os olhos vidrados sobre o encosto da poltrona, praticamente na mesma posição em que estava instantes atrás.

No quarto, Arsalan também havia sido assassinado, dois minutos antes, por duas balas e, agora, jazia estendido sobre o chão. Seis homens vestidos com terno, dentre os quais os dois atiradores, levaram três horas vasculhando o apartamento. Eram dois agentes americanos, dois britânicos e dois policiais sauditas, que concluíam uma missão que havia sido planejada três semanas antes, quando, afinal, descobriram o novo esconderijo de Abu al-Horiah. Ao final da busca, quando já era noite fechada e o mar Vermelho estava mergulhado na escuridão, veio a frustração: os documentos da organização terrorista iraniana Azadi não estavam no apartamento. Mais do que isso: não havia nada ali dentro que fornecesse qualquer pista a respeito do grupo.

Essa certeza foi confirmada uma semana depois nos gabinetes da sede da Agência Central de Inteligência, CIA, em Langley, Estados Unidos. Uma vez concluídas as análises nos endereços de e-mail, computadores e linhas telefônicas do apartamento, incluindo os celulares, nada, absolutamente nada relacionado às atividades da Azadi havia sido localizado. O infame e sanguinário líder terrorista Abu al-Horiah, responsável pelo assassinio de milhares de pessoas em mais de quinze anos de atividades, e seu filho único estavam mortos,

mas a Azadi sobrevivera. Restava a esperança de que, com a morte de seu líder e de seu descendente direto, ela estivesse irremediavelmente desbaratada e que seus membros jamais voltassem a se rearticular. Mas pairava ainda a forte suspeita de que a Azadi era financiada e treinada pelo Irã. Embora o governo iraniano negasse veementemente qualquer ligação com o grupo, a suspeita persistia, como uma sombra furtiva e ameaçadora pairando sobre o mundo. E, com ela, o risco de que o comando da Azadi já houvesse sido transferido para o coração político de Teerã.

No entanto, vários meses depois, quando o alerta do governo americano em relação à Azadi já havia baixado a níveis moderados, começou a circular o boato de que a organização tinha uma nova líder. Uma mulher de identidade e paradeiro desconhecidos, cujo apelido era Umm al-Hakika, ou “a Mãe da Verdade”.

PARTE I

UM ANO E MEIO DEPOIS

*Barra de Maricá, cerca de 60 quilômetros do Rio de Janeiro,
Brasil
Dezembro de 2006*

Araci Quintanilha sentiu uma onda quente de alívio envolver seu corpo quando, enfim, parou o carro diante do muro baixo da casa de Lourenço Monte Mor, de frente para a praia. Não estava habituada a dirigir pela estrada e sempre ficava estressada quando precisava fazer isso. Só mesmo o carinho por Lourenço, sobrinho a quem amava como a um filho, para forçá-la a enfrentar os sessenta quilômetros desde o Rio de Janeiro até o litoral de Maricá. Seu marido, o chef e *restaurateur* Bartô Saraiva, não pôde acompanhá-la, pois estava às voltas com os afazeres de seu restaurante, e o pai passara os últimos dias acamado, por conta de uma gripe forte e, quando Araci saía de casa, ele preparava-se para receber os primeiros remédios do dia, das mãos da empregada.

A casa onde Lourenço estava morando temporariamente pertencia ao pai dele, Aníbal Monte Mor, cunhado de Araci. Aníbal fora casado com a única irmã de Araci, Iara, que falecera em um acidente de automóvel quinze anos atrás. Era uma casa

de praia, usada para férias e fins de semana, mas que Aníbal não visitava havia tempos. A construção, graciosa, tinha dois andares, telhado de telhas vermelhas, janelas altas de peroba e era rodeada por um pequeno terreno arenoso, pontilhado por fileiras de casuarinas e coqueiros. A praia, extensa e elegante, de areias alvíssimas e banhada por um mar escuro e bravo, estendia-se logo abaixo e estava quase vazia, apesar de ser verão. Isso porque uma cortina cinzenta recobria o céu e ventava tanto que as árvores chegavam a vergar, dando a impressão de que, a qualquer momento, partiriam-se em duas.

Araci usava uma combinação informal de saia e blusa claras. A única extravagância parecia ser o vistoso colar de corais vermelhos que, supersticiosamente, considerava uma de suas “pedras da sorte”. Ela desceu do carro e ficou olhando a praia por algum tempo. Aos 49 anos, alta, esguia e de cabelos castanhos compridos, batendo no ombro, Araci era uma renomada leiloeira de arte no Rio de Janeiro, titular da Casa Quintanilha de Leilões & Escritório de Arte, com sede em um belíssimo palacete neoclássico em Botafogo. Em abril faria 50 anos e a chegada daquela idade fatídica, que era um verdadeiro divisor de águas na vida de todos, levou-a a um estado permanente de desassossego e reflexão. Era uma sensação semelhante, embora mais intensa e inquietante, da que sentira ao fazer 30 e 40 anos. Olhou para suas mãos e notou os sulcos, a pele já sem o viço de antigamente, as marcas do tempo. Eram, nitidamente, as mãos de uma mulher de 50 anos. Ela percebia o tempo voar e angustiava-se por sentir-se incapaz de acompanhá-lo na mesma velocidade, enquanto via, impotente, o corpo render-se à irreversível decadência imposta pelo avançar dos anos. Pensou em como estaria ao fazer 60 anos e percebeu que não demoraria para essa data chegar. Seria um pulo no escuro.

Afugentando aqueles pensamentos, ela apanhou as três sacolas com pacotes no banco de trás do carro e trancou-o em seguida. Eram os presentes de Natal para Lourenço. Araci não

imaginava, é lógico, que aquele 25 de dezembro seria o último Natal que passaria com o sobrinho. Ela não podia prever que, dali a poucos meses, ele morreria tragicamente em um incêndio que devastaria aquela mesma casa onde estava prestes a entrar.

Desde que voltara da Europa, onde estudara por pouco mais de cinco anos, Lourenço perdera o gosto pelas festividades natalinas e, já no ano passado, não fora à ceia da véspera de Natal no apartamento onde Araci, o marido e o pai moravam em Copacabana, preferindo ficar sozinho. O Natal era sempre celebrado lá. Aníbal e a segunda mulher, Isadora, costumavam ir, e Bartô encarregava-se, pessoalmente, de preparar a ceia, enquanto Araci cuidava da arrumação da árvore, da mesa e comprava os presentes. Eram noites sempre muito felizes, regadas a champanhe francês, vinhos encorpados e um peru delicioso e levemente condimentado, um dos muitos segredos da culinária cinco estrelas de Bartô Saraiva.

Dessa vez, no entanto, Araci resolveu ir atrás do sobrinho. O Natal não era o mesmo sem ele, e Araci queria vê-lo, ainda que por poucos instantes, apenas para lhe dar um abraço e ver como ele estava.

A casa tinha uma campainha, mas ela estava enguiçada, como Araci pôde comprovar depois de apertá-la três vezes, sem que nada acontecesse. Ela, então, pôs-se a bater palmas, enquanto gritava:

— Ô, de casa! Tem alguém em casa?

Ela viu uma luz se acender em uma das janelas do térreo e, logo, a porta da casa se abriu, e ela sorriu enquanto o rapaz magro e muito alto, de 26 anos, cabelos claros e compridos, presos em um rabo de cavalo meio desajeitado, atravessava o terreno para abrir o portão.

Araci largou as sacolas e deu-lhe um demorado abraço e um beijo na bochecha.

— Meu querido, quantas saudades! Que bom vê-lo! Que bom vê-lo!

Lourenço retribuiu o abraço e o beijo.

— Feliz Natal, tia.

— Para você também, meu filho. Trouxe presentes. Um é meu, outro é de seu tio e outro, de seu avô. Eles mandaram beijos e abraços. Não puderam vir comigo.

— Puxa vida — ele encolheu os ombros, constrangido. — Não comprei presente nenhum.

— Só o fato de estar aqui com você já é o melhor presente que eu poderia receber.

Araci abaixou-se para pegar as sacolas, aproveitando para enxugar rapidamente os olhos molhados, tentando disfarçar a emoção daquele momento. Lourenço deu a mão a ela e os dois entraram na casa.

— Veio almoçar comigo? — perguntou Lourenço. — Preparei um peixe com arroz e uma salada.

Araci parou e examinou-o de cima abaixo.

— Você emagreceu... Anda alimentando-se direito? Quem está cozinhando para você?

Lourenço não conteve uma risadinha.

— Tia... Eu morei na Europa mais de cinco anos. Acha que não aprendi a me virar? A fazer minha própria comida?

— Você está tão abatido... — agora a preocupação de Araci era mais explícita. — Na última vez que eu te vi, você estava corado e... mais forte. É melhor voltar comigo para o Rio. A comida de seu tio te fará bem.

Lourenço olhou para ela hesitante, mordeu os lábios e baixou o rosto em seguida.

— Você sabe que eu não posso voltar.

— Por causa de seu pai?

Lourenço fez que sim com a cabeça.

— Aníbal não precisa saber. Você fica lá em casa em segredo. Fique, pelo menos, alguns dias. É o tempo de você se alimentar, descansar e ser examinado por um médico.

— Não posso! — dessa vez ele fora mais veemente.

Araci torceu a boca, resignada. O que Lourenço fizera fora realmente grave e demoraria para Aníbal perdoá-lo. Até Araci contorcia-se por dentro ao pensar que o rapaz que estava à sua frente, que ela vira nascer e crescer, fora capaz de trair o próprio pai de uma maneira tão... o termo era terrível, mas não havia outro... de uma maneira tão sórdida.

— Eu devia ter pensado duas vezes antes de ter me deixado levar daquela maneira — Lourenço falava com a cabeça baixa, os pés batendo no assoalho de cerâmica da sala da casa. — Papai tem todo o direito de me odiar.

— Ele não te odeia... está apenas magoado.

— Neste momento, ele me odeia. Eu sei que ele me odeia — Lourenço passou nervosamente as mãos pelo cabelo. Começou a chorar — Eu tive um caso com a mulher dele. Com minha madrasta. Ele a adora. Como é que eu pude fazer isso? Como é que eu pude?

Araci manteve-se calada. Deixou que o sobrinho desabafasse.

— Mas foi ela quem me seduziu. Desde o dia em que pisei de novo naquela casa depois que voltei da Europa. Isadora é uma mulher bonita, é sensual e ainda moça. Ela é quase vinte anos mais jovem que o papai. Eu estava há algum tempo sem ficar com ninguém e acabei caindo direitinho no jogo de sedução dela.

Lourenço estava falando parcialmente a verdade. Ele, de fato, estivera em abstinência amorosa e sexual durante um período. Isso, porém, já tinha acabado. Antes mesmo do caso com a madrasta. Mas achava cedo para contar alguma coisa a Araci que, de pé diante dele, limitava-se a contemplar em silêncio o seu rosto angustiado, com um olhar que se pretendia vago e compreensivo.

— Mas eu terminei com ela, assim que papai descobriu tudo. Terminei com ela e vim para cá. Só saí para ir a Paris para aquela minha última exposição e voltei direto para esta casa. Pelo menos, tenho um lugar para ficar e para pintar

sem ninguém a me incomodar — seus olhos, subitamente, irradiaram um brilho intenso. — A propósito, você quer ver minha última criação?

Araci sorriu, curiosa.

— É algum quadro especial?

— É, sim. Minha obra-prima. O trabalho de minha vida. Terminei de pintar há poucos dias. Mês que vem vou mandá-la para Paris com as outras. Avedikian vai expô-la na galeria em fevereiro e já se comprometeu a me mandar a passagem.

— Eu soube. Será uma mostra grande de seus trabalhos, não é?

— Muito grande — Lourenço falava com um entusiasmo quase infantil. — Causará impacto. Você vai ver só, tia. Aposto que, desta vez, meu nome se consolida de vez no mercado de arte.

— Avedikian é um marchand experiente — comentou Araci. — E acredita muito em seu trabalho. É uma pena que eu não possa comparecer. Fevereiro é sempre um mês agitadoíssimo para mim, por conta da abertura da temporada de leilões da Casa Quintanilha, no começo de março. Do contrário, pode apostar que eu estaria lá para prestigiar você e assistir a seu sucesso.

Lourenço fez um gesto com a mão para a escada que levava ao segundo andar da casa.

— Não quer ver o quadro? — perguntou.

— A obra-prima? — Araci permitiu-se rir. — Você ainda pergunta?

Lourenço segurou delicadamente a mão da tia e eles subiram os estreitos degraus de madeira escura até o segundo andar. Ali, em um dos quartos, o maior deles, que dava para a frente da casa — ou seja, para o mar —, Lourenço instalou seu ateliê de pintura.

A porta estava entreaberta. Araci entrou e precisou se controlar para não perder o ar por causa do forte cheiro de tinta.

Ela perscrutou o local com desaprovação. Estava uma completa bagunça. Telas, paletas, pincéis, lápis, tubos e pequenos frascos de tinta de várias cores achavam-se espalhados por toda parte. Uma infinidade de folhas de papel com esboços, pequenos ensaios e anotações estavam amontoados sobre uma mesa e dispersos aos montes pelo chão. Como alguém conseguia trabalhar em um local assim, onde mal se enxergava o assoalho e, ainda por cima, com aquele cheiro nauseante?

Sem consultar Lourenço, Araci abriu a janela, que estava fechada, fazendo do quarto quase um *bunker*.

— O ar que vem do mar faz mal às pinturas — protestou Lourenço.

— Danem-se as pinturas — Araci ficou alguns instantes debruçada no peitoril, aspirando um pouco o ar puro, antes de voltar-se para o sobrinho. — Você não pode passar dias e dias trancado neste quarto com este cheiro. Isso faz mal. Destruirá seus pulmões.

— Minha saúde está ótima.

— Porque você só tem 26 anos. Mas, se continuar vivendo dessa maneira, talvez não esteja quando você tiver 50.

— Nem sei se vou chegar aos 50.

— Não diga asneiras — Araci reagiu com uma careta.

Fez-se silêncio. Ela notou os três cavaletes que estavam montados na sala. Um deles estava vazio, o segundo continha uma pintura inacabada, de cores dramáticas e contornos ainda indefinidos, e o terceiro estava coberto por um lençol vermelho. Foi para este que Araci apontou, ao perguntar:

— É esta? A obra-prima? O trabalho de sua vida?

Lourenço aproximou-se do cavalete e segurou o lençol.

— Feche os olhos — pediu.

Araci obedeceu. Ele puxou o lençol cuidadosamente, dobrou-o e colocou-o cuidadosamente sobre a mesa.

— Pode olhar — ele disse.

Araci abriu os olhos. Sua primeira reação foi de surpresa. A

segunda, de choque. A terceira, de perplexidade. E a quarta, de pânico. Tudo junto, em um espaço de tempo de menos de dez segundos.

— O que é isso, Lourenço? — Araci olhava fixamente para a tela, aturdida. — Como você conseguiu pintar... este quadro?

— Achava que eu não seria capaz?

— Não... não é isso — Araci chegou a gaguejar. Estava sem ar. — É que... minha nossa! A pintura parece viva — Araci sentia-se, agora, maravilhada. — Esse rosto parece estar olhando-me. Olhando através de mim, lendo meus pensamentos.

Araci deu três passos adiante, posicionando-se exatamente em frente ao quadro. Era uma pintura a óleo que retratava, em cores fortes e agressivas, uma mulher vestida com o véu islâmico. Um enigmático rosto feminino levemente desfigurado, cingido por uma capa preta, opressiva, que lhe cobria parte dos cabelos, deixando parcialmente à mostra o colo. Os mamilos, túrgidos e escuros, projetavam-se de seios inchados e aréolas dilatadas, em um traçado sensualmente proibitivo. Os olhos da mulher, profundos e pungentes, pareciam hipnóticos. Em um segundo plano, sobre um fundo vermelho, vislumbrava-se uma silhueta indefinida, que sugeria explicitamente um ato sexual. Era uma imagem, ao mesmo tempo, envolvente e ameaçadora que dava a real impressão de ter vida. Sua expressão, os traços do rosto, o próprio olhar mudavam sutilmente de acordo com o ângulo do qual eram observados. Araci afastou o rosto bruscamente. Estava perturbada.

— Cubra o quadro novamente, Lourenço. Por favor.

Sem compreender nada, Lourenço assentiu e tornou a estender o lençol vermelho sobre o quadro. Araci respirou fundo e, amparando-se na parede, dirigiu-se, meio trôpega, para a porta.

— Está sentindo alguma coisa, tia?

— Deve ser o cheiro da tinta. Vou descer e me sentar lá fora.

— Eu vou também. Dê-me só um minuto para eu fechar tudo aqui.

Araci desceu a escada e saiu novamente da casa, sentando-se em uma das cadeiras brancas do pequeno jardim em frente à casa. O vento havia diminuído. Mas o céu estava mais escuro. Ela recostou-se e ficou ali, ouvindo o barulho das ondas arrebatando com força na praia, enquanto o rosto era acariciado pelo vento. Sentiu o corpo se acalmar. Quando abriu os olhos, Lourenço estava sentado a seu lado. Trouxera dois copos com suco de maracujá.

— São sucos naturais. Plantei maracujá e acerola no quintal.

Araci tomou um gole. O maracujá era calmante. Ela segurou a mão do sobrinho e disse:

— Quanto tempo você levou pintando aquele quadro?

Lourenço franziu a testa.

— Acho que um mês e meio — ele bebeu um pouco do suco. — Por quê?

— Porque é realmente um trabalho impecável. Não vê em que estado eu fiquei? Logo eu que já vi tantos e tantos quadros em minha vida...

Lourenço achou graça.

— Alguma moça serviu de modelo? — indagou Araci, curiosa. — Alguma muçulmana que você conheceu na Europa?

— Não.

— Então foi a Isadora?

— O que a faz pensar assim? — Lourenço reagiu indignado.

— Ninguém serviu de modelo. Eu criei tudo de minha cabeça.

Araci terminou o suco e decidiu mudar de assunto:

— Como o quadro vai se chamar?

— *O Véu*.

— *O Véu*? Um véu... islâmico?

— Quem sabe?

Araci passou a mão carinhosamente no rosto do sobrinho

— Tome cuidado, meu filho. O mundo está um caos. Guerras,

atentados terroristas, intolerância, ódio. Não deixe que algum fanático interprete essa pintura de uma maneira errada...

— Fique tranquila. Eu nunca afirmei que a moça do quadro é uma muçulmana.

— Mas sugeriu. E qualquer pessoa minimamente informada vai deduzir que é uma muçulmana.

Lourenço aparentava, ao mesmo tempo, fastio com aquela conversa e indulgência por Araci estar tão visivelmente preocupada.

— Você está exagerando — ele desconversou.

— Então prometa para mim que, se alguém te acusar de ter retratado uma mulher muçulmana, você irá publicamente desmentir. Dizer que é apenas um véu. Um véu sem religião. Prometa para mim! Prometa!

Lourenço soltou o ar dos pulmões e levantou os braços, em sinal de rendição.

— Está bem. Eu prometo.

Os dois se abraçaram.

— Meu querido. Eu te adoro tanto. Nem sei o que seria de mim se te acontecesse alguma coisa... — Araci reprimiu as lágrimas. — Por favor, volte comigo para o Rio. Estou te pedindo. Faça isso por mim, meu filho.

— Não!

— Pelo menos, por uns dias...

— Pela última vez, não, tia! Tenho de ficar aqui, pelo menos, até a viagem para Paris. Quando eu voltar, vou conversar com papai e tentar acertar minha situação com ele. Se ele me perdoar, aí, sim, pode ser que eu volte. Se bem que eu tenho gostado muito do sossego deste lugar.

Por um momento, ocorreu a Araci se Lourenço estaria aguardando alguma visita para os próximos dias. Uma visita secreta. Uma mulher, talvez. Desde o primeiro momento em que pisara na casa, ela percebera algo diferente nas atitudes do sobrinho. Havia um brilho anômalo em seus olhos. Certamente,

alguma coisa estava acontecendo. Talvez alguma coisa boa. Quem sabe, depois da relação relâmpago com a madrastra, Lourenço não tivesse, afinal, encontrado um amor verdadeiro?

Foram horas agradáveis e inesquecíveis aquelas passadas na casa da praia. Apesar de o céu nublado ameaçar a todo momento, não choveu. A temperatura manteve-se amena e o vento fresco foi uma companhia constante. Eles almoçaram o peixe e a salada que Lourenço preparara e, às dezesseis horas, Araci despediu-se. Era uma segunda-feira e a estrada estaria movimentada por causa da volta do fim de semana prolongado. Ela e Lourenço trocaram um abraço longo e apertado. Araci entrou no carro e, no caminho de volta para o Rio, chorou ao volante. De emoção por ter estado com Lourenço e de tristeza por deixá-lo ali. Ela sentia que ele estava se desgarrando da família e que esse processo era irreversível. Como grãos de areia escorrendo pela mão, aos poucos, sem que nada pudesse ser feito para retê-los.

Araci pensou também no quadro. Ele era diferente de tudo o que Lourenço já havia pintado até hoje. Os olhos daquela pintura não lhe saíam da memória e pareciam persegui-la. Por muitas noites, a partir daquela tarde, Araci teria pesadelos com eles. Não seriam pesadelos vãos.

* * *

NA NOITE do dia 14 de junho de 2007, um incêndio misterioso devastou a casa na Barra de Maricá, matando Lourenço Monte Mor e destruindo grande parte de sua obra. Araci chorou por seis meses, chegando a adoecer por várias semanas. Os Quintanilha e os Monte Mor mergulharam em um luto profundo e Aníbal passou a viver sob o peso da amargura de não ter feito as pazes com o filho, quando este o procurara e tentara se reconciliar.

A polícia nunca chegou a descobrir a real causa do incêndio e, sobretudo, se fora criminoso ou acidental. Vários indícios

levavam a crer que havia sido um atentado. Isso porque logo depois de ser apresentado ao público pela primeira vez, em Paris, *O Véu* tornou-se alvo de virulenta polêmica entre religiosos, líderes islâmicos e extremistas que acusaram a obra de atentar contra a pureza da mulher muçulmana. Lourenço Monte Mor passou a ser considerado um inimigo do Islã, e sua cabeça foi pedida em vários protestos na Europa e no Oriente Médio. Deprimido e magoado com a reação altamente negativa a seu trabalho — que também foi atacado pela crítica europeia, que o desqualificou como apelativo, conservador, ridículo e medíocre — Lourenço retornou ao Brasil e isolou-se de vez na casa da praia. Começou a beber e a fumar muito, e a polícia sustentava, entre outras, a possibilidade de que uma brasa de cigarro houvesse deflagrado o incêndio, em um momento em que Lourenço estivesse alcoolizado.

Para Araci, contudo, era difícil acreditar que um incêndio daquelas proporções, que engoliu a casa inteira, tivesse sido acidental. Para ela, a hipótese de um atentado executado por algum grupo extremista disposto a se vingar do pintor blasfemo era a mais provável. E, coincidência ou não, foi justamente nessa época que começaram a circular os rumores de que a Azadi, a organização terrorista que havia caído na obscuridade depois do assassinato de seu líder, em Jeddah, estava retornando às atividades, agora sob o comando de uma mulher: a perigosa e implacável Umm al-Hakika. E que poderia ter partido dela a ordem para acabar com Lourenço e sua obra.

Durante muito tempo pensou-se que *O Véu* tivesse se perdido no incêndio, mas, pouco antes de morrer, Lourenço havia mandado o quadro para Aníbal, que, por sua vez, confiou-o a Araci, que o escondeu providencialmente no fundo de um armário de seu apartamento, esquecendo-se de sua existência.

Somente muitos meses mais tarde, quando anunciou-se que o quadro seria leiloadado pela Casa Quintanilha, foi que a opinião

pública tomou conhecimento de que *O Véu* estava intacto. E foi também ali que teve início o calvário de Araci Quintanilha.

Ela não sabia que aquele quadro guardava um grande e terrível segredo, nem podia prever os perigos que o cercavam. Estava tudo muito além de sua imaginação.

PARTE II

DOIS ANOS E MEIO DEPOIS

Rio de Janeiro, Brasil
Junho de 2009

Chovia forte desde o entardecer.

De repente, uma sucessão de lampejos encobertos pelo nevoeiro gelado clareou o topo do Corcovado, enquanto os estrondos dos trovões reverberavam no ar. A estátua resplandecente do Cristo Redentor surgiu momentaneamente por entre uma cortina densa de nuvens, parecendo debater-se na vã tentativa de permanecer heroicamente visível em meio à vastidão escura, mas o céu noturno não tardou a ocultá-la novamente, derrotando, assim, a última trincheira que ainda resistia à assustadora entrada antecipada do inverno úmido na cidade do Rio de Janeiro.

Era uma noite sombria de 8 de junho, a mais fria do ano até aquele momento. O mar estava em fúria e ameaçava repetidas vezes engolir a areia das praias. Um vendaval cortante e pegajoso, embalado pela chuva, alastrava-se pelas ruas encharcadas e melancólicas. O Rio de Janeiro, vazio, silencioso, parecia abandonado à própria sorte.

Mais um relâmpago riscou os céus. O ribombar do trovão ecoou com força e, como em um milagre materializado pela pujança do impacto, a chuva subitamente diminuiu de intensidade.

A rua São Clemente encontrava-se deserta, salvo por raros automóveis que eventualmente passavam em alta velocidade sobre o asfalto molhado, quando o último grupo de convidados deixou a Casa Quintanilha de Leilões & Escritório de Arte. Eram dois casais que, provavelmente, haviam exagerado no vinho ou no champanhe. Contagiados pelas próprias risadas, eles desceram os degraus de mármore da escadaria principal e saíram para a rua, enquanto a porta se fechava atrás deles. Agora todo o mundo havia ido embora. As janelas altas do imponente palacete do século XIX apagaram-se e somente os lampadários dispostos no jardim permaneceram acesos. Uma névoa incômoda, misturando o odor adocicado da maresia curtida e o aroma penetrante da relva molhada, vagava por sob as copas das árvores ao redor da casa, tornando a visão turva e embaçando os fechos fantasmagóricos de luz irradiados pelos postes e faróis em movimento.

Dois homens faziam a segurança da Casa Quintanilha, sendo que um deles passaria a noite diante de um monitor de computador ligado às câmeras que vigiavam o grande salão de leilões, onde os lotes que seriam postos à venda na manhã seguinte estavam expostos. Ele afastou a manga do casaco e, constatando vinte e dois minutos para as vinte e três horas no relógio de pulso, contornou uma última vez a casa, ouvindo o barulho da grama estalando sob seus pés. Observou com minúcia o terraço dos fundos, os vasos de plantas e arbustos floridos alinhados rentes à mureta sustentada por belos balaústres de mármore e, um pouco mais acima, as duas caixas d'água no telhado. Estava tudo tranquilo. A noite parecia que seria calma.

Perto dali, do lado oposto da rua, protegido pela grade dos portões que davam acesso aos jardins do Palácio São Clemente, sede do consulado de Portugal, um dos vigias da

noite mantinha-se atento a um estranho vulto que estava de pé havia mais de meia hora na esquina com a rua Martins Ferreira, a poucos metros da Casa Quintanilha, com o olhar aparentemente perdido na penumbra. Era um homem branco, de meia-idade, corpulento, enfiado em uma parca preta e puída de náilon acolchoado, com um guarda-chuva molhado e fechado pendurado em um dos braços. Tinha o cabelo preto desgrenhado e um aspecto de desleixo. A todo momento ele conferia as horas e dava alguns poucos passos em círculo, demonstrando inquietação. Parecia esperar por alguém, ou por algo.

Vinte e duas horas e cinquenta e cinco minutos. Ainda de pé no mesmo lugar, o homem sacou um celular do bolso e pareceu dedilhar demoradamente as teclas, sem, contudo, fazer nenhuma ligação. O vigia chamou seu companheiro e comentou, apontando com o dedo:

— Aquele sujeito ali... Está vendo ele?

Após lançar um rápido olhar para a esquina, o colega respondeu com desinteresse:

— O que é que tem?

— Quando eu cheguei para meu turno há uma hora, ele já estava ali. Ainda tinha bastante gente na casa de leilões aí em frente... Não é esquisito?

O outro reparou melhor:

— Talvez ele tenha saído da casa de leilões e agora esteja esperando alguém.

— Que casa de leilões que nada, rapaz! Ficou doido? Olha só para ele. O cabelo todo desarrumado, a barba mal feita, um casaco velho... Se bobear, nem tomou banho hoje. Trabalho como vigia faz muito tempo. Sei que aí tem coisa. Só pode ter.

Mais alguns minutos se passaram. O homem olhou uma última vez o relógio de pulso e, sem mais nem menos, resolveu ir embora. Segurando o castão do guarda-chuva como uma bengala, ele atravessou a rua Martins Ferreira e foi caminhando calmamente pela calçada molhada da São Clemente.

Surpresos, os dois vigias entreabriram o portão e observaram o homem afastando-se em direção ao Humaitá. O mais desconfiado deles, em um impulso, virou-se para o outro e declarou:

— Vou atrás dele. Segure as pontas aqui, que eu volto já.

E saiu para a rua, apertando o passo, sem dar tempo para argumentação. Ele havia acabado de desaparecer ao longe em meio à neblina, quando um estrondo aterrador quebrou o silêncio do bairro adormecido. O solo chegou a estremecer por um segundo. Imediatamente, as janelas dos edifícios à volta começaram a se alumiar uma a uma, e os moradores, apavorados, debruçaram-se esfomeados, na tentativa de descobrir o que acontecera. Não havia terminado. Ouviu-se um segundo estrépito, mais fraco, e em seguida, o som agudo e estridente de uma sirene espalhou-se pelo ar. O sistema de alarme da Casa Quintanilha tinha sido acionado. Dos jardins do consulado português foi possível divisar uma coluna rala de fumaça erguendo-se na cúpula esférica de uma das laterais do palacete.

Não demorou para viaturas da Polícia Militar, do Esquadrão Antibombas da Polícia Civil e do Corpo de Bombeiros aportarem ruidosamente no local, mas elas não foram mais rápidas do que um grupo de jornalistas que, a esta altura, sabe-se lá como, já havia transposto a grade que cercava o jardim da casa de leilões, sem encontrar reação dos seguranças, aparentemente atônitos e desorientados com a imprevisibilidade do ocorrido. Enquanto um princípio de incêndio no epicentro das duas explosões era rapidamente debelado, os fotógrafos pareciam mais interessados em uma sequência impressionante de pichações, que manchavam a parede clara da fachada direita da mansão, com um vermelho forte, quase da cor do sangue.

* * *